

MULHERES E COVID-19: REFLEXÕES SOBRE A LUTA POR DIREITOS

WOMEN AND COVID-19: DISCUSSIONS ABOUT THE FIGHT FOR RIGHTS

¹Kamila Scalzer

²Milena Bertollo Nardi

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. E-mail: kamila.scalzer@hotmail.com.*

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. E-mail: milenabertollo@ifes.edu.br.

*Autor de correspondência

Artigo submetido em 01/09/2020, aceito em 08/09/2020 e publicado em 15/09/2020.

Resumo: A pandemia do novo coronavírus certamente implicará em mudanças globais, sejam tecnológicas, relacionais, comunicacionais e/ou econômicas. A crise que se instalou forçou países a adotarem medidas de emergência que geraram diferentes consequências, dentre elas, aquelas relacionadas à perspectiva de gênero. À luz de um recorte metodológico exploratório, este artigo tem como objetivo provocar reflexões iniciais sobre a Covid-19 e a luta pelos direitos da mulher. O percurso histórico mostra que elas enfrentaram grandes desafios diante de momentos específicos, os quais também geraram ondas de conquistas de direitos. A atual pandemia coloca as mulheres entre os grupos mais afetados pela conjuntura, seja por estarem nas linhas de frente de combate à doença, seja pelas questões financeiras ou, ainda, pela sobrecarga de trabalho doméstico e cuidados que recaíram sobre elas. Assim, torna-se imperativo que as mulheres participem dos processos decisórios e que as questões de gênero sejam centrais às discussões e não relegadas para segundo plano.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Impactos da pandemia; Covid-19.

Abstract: The coronavirus pandemic certainly results in global technological, relational, communicational and economical changes. The crisis has forced countries to adopt emergency actions that have generated different consequences. Among them, we highlight those related to gender relations. In light of an exploratory research method, this article aims to discuss about the Covid-19 and the fight for women rights. The historical retrospective shows that women have faced big challenges in specific moments along history, which were also responsible for waves of conquest of rights. The Covid-19 pandemic places women among the most vulnerable groups in relation to the impacts of the disease due to: (i) they are on the front lines to fight the disease; (ii) financial difficulties; (iii) the overload of housework and care that fall on them. Thus, it is imperative that women participate in decision-making processes related to the pandemic and gender issues are taken as central to the discussions in the current pandemic scenario.

Keywords: Women; Gender; Pandemic impacts; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, grandes acontecimentos globais deixaram marcas na sociedade e aceleraram diversas mudanças nas áreas econômica, cultural, social e tecnológica. A declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) da pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, foi um marco para o ano de 2020, vários países foram afetados e governos tiveram que adotar medidas emergenciais para o enfrentamento contra a Covid-19 (OMS, 2020).

Durante o pico da pandemia, documentos oficiais determinaram a suspensão das atividades em instituições de ensino, bares, restaurantes, academias, *shopping centers*, entre outros. A orientação para que as pessoas ficassem em casa foi uma das medidas adotadas por muitos estados como forma de prevenção ao contágio da Covid-19, alterando drasticamente a vida cotidiana.

Concomitantemente ao combate à doença, a crise que se instalou desencadeou uma série de impactos econômicos, sociais, culturais e tecnológicos, que provocaram questionamentos sobre como será o mundo após a pandemia: as relações de trabalhos mudarão? As atividades presenciais serão substituídas por remotas? A educação a distância por meios digitais ganhará mais adeptos? Os programas governamentais de saúde serão reestruturados? Haverá mais investimento e valorização na/ciência? As pesquisas científicas serão fortalecidas? Novas tecnologias surgirão? É certo que essas e muitas outras perguntas surgem à vista de momentos históricos.

Em consonância com os questionamentos acima citados, não poderíamos deixar de provocar reflexões sobre a pandemia, a partir da perspectiva de gênero. O processo de conquista de direitos foi fomentado por outros momentos históricos, como, por exemplo, a Revolução Industrial, a Primeira e

Segunda Guerras Mundiais (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2014), o que nos leva a questionar sobre quais serão os impactos da pandemia na luta pelo direito da mulher.

A necessidade do distanciamento social como medida de enfrentamento contra o coronavírus nos alerta para os efeitos colaterais na sociedade, principalmente, na vida das mulheres. Em todo o mundo, elas foram afetadas pelo impacto social e econômico do novo coronavírus: o aumento da violência doméstica, o aumento dos cuidados maternos e afazeres domésticos, o desemprego, entre outros, evidenciando as desigualdades de gênero já existentes (VIEIRA, GARCIA E MACIEL, 2020; ONU MULHERES, 2020a; SANTOS, 2020; ONU BRASIL, 2020).

A ONU Mulheres (2020a), ONU Brasil (2020), Santos (2020) e Vieira; Garcia; Maciel (2020) apresentaram muitas dificuldades, as quais mulheres do mundo todo têm enfrentado, devido à pandemia da Covid-19. Tais desafios evidenciam a necessidade de se consolidar o direito da mulher a uma vida livre de violência, à representatividade igualitária nas tomadas de decisões, ao compartilhamento justo dos afazeres domésticos e dos cuidados com família. Mas existiria alguma razão para o gênero feminino permanecer otimista no fortalecimento das lutas pelos direitos da mulher? Segundo Olivier (2020), grandes crises que causam choques sociais podem, em última análise, provocar maneiras positivas de reconsiderar o bem comum e os direitos fundamentais.

Seria esse, então, o momento para avivar o empoderamento da mulher? Após a pandemia, a luta pelos direitos da mulher poderia ganhar forças?

Na história da saúde das últimas décadas, enfatizou-se bastante a história cultural e procurou-se iluminar aspectos fundamentais do passado; mas depois desta epidemia, poderíamos dar maior importância a história das políticas sanitárias, aos

eventos sanitários que mobilizam a sociedade contemporânea ou abordagens na área da saúde que envolvam o meio ambiente, as mulheres e doenças negligenciadas (CUETO, 2020, p.5).

Para pensar na reconstrução da sociedade, após a crise pandêmica, é necessário que entrem em debate os direitos da mulher. Sendo assim, várias instâncias necessitam estar envolvidas para

[...] mitigar o impacto na vida das pessoas e abordar os riscos e vulnerabilidades específicos que meninas e mulheres enfrentam devido às desigualdades e estereótipos profundamente enraizados na sociedade (ONU BRASIL, 2020, s.p).

2 A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER: PERCURSO HISTÓRICO

Grandes crises da história global provocaram ou, até mesmo, aceleraram mudanças na sociedade. Na história da luta pelos direitos da mulher não foi diferente, momentos históricos impactaram o gênero feminino em muitos aspectos (OLIVIER, 2020), como na conquista do voto feminino e na inserção no mercado de trabalho. Para alguns autores, as “ondas” do feminismo foram aceleradas por acontecimentos específicos (MCCANN *et al.*, 2019).

Embora as pautas das reivindicações das “ondas” do movimento feminista fossem amplas e multifacetadas na “primeira onda”, destaca-se a busca pela igualdade de gênero: o voto feminino. Na “segunda onda”, questionam-se as raízes da opressão: a busca pela eliminação da fronteira entre público e privado. E, na terceira, as minorias e as mulheres negras insistem que a luta continua: almeja-se o fortalecimento das questões de raça, classe, sexualidade e identidade de gênero (MCCANN *et al.*, 2019; NARVAZ e KOLLER, 2006).

As “ondas” do feminismo mostram que

[...] as preocupações feministas evoluem conforme sucessivas gerações conquistam novas liberdades, mas se confrontam e precisam lidar com diferentes problemas sociais (MCCANN *et al.*, 2019, p. 255).

Após a Revolução Industrial, ocorrida de 1760 a 1840, nas disputas pelas vagas no mercado de trabalho, entre mulheres e homens, as mulheres foram preferidas, mas o que motivava essa escolha eram os menores salários pagos a elas (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2014).

A demanda pela mão de obra feminina ocasionou oportunidades de trabalho e a viabilidade de contribuir para o sustento da família. Porém, todas essas possibilidades acarretaram novas lutas por direitos, já que, nos postos de trabalhos industriais, as mulheres tiveram que lidar com ambientes insalubres, sem limitações de carga horária da jornada de trabalho, exigências desiguais entre os gêneros e insensibilidade em relação à maternidade (NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2014). É certo que havia muito a conquistar.

Nessa mesma perspectiva, a Primeira Guerra Mundial, junto com a pandemia da gripe espanhola, dos anos de 1914 a 1918, também estimulou o processo de luta pelos direitos da mulher. Durante a guerra, elas desempenharam um papel fundamental na sociedade, assumindo as funções dos homens que foram para os campos de batalha. Em muitos países, o protagonismo feminino, no esforço da guerra, impulsionou a extensão do direito de voto às mulheres, derrubando os argumentos antissufragistas (OLIVIER, 2020).

Em 1920, ideias feministas emergiram em muitos países, época reconhecida como a “primeira onda” do movimento feminista, que lutava pelo direito ao sufrágio, ao acesso igualitário à educação e aos direitos iguais no casamento (MCCANN *et al.*, 2019; NARVAZ e KOLLER, 2006).

Após a Primeira Guerra Mundial, as mulheres aumentaram sua presença no mercado de trabalho e surgiram algumas oportunidades de empregos, antes ocupados preferencialmente por homens. Mas as conquistas feministas, após a guerra, sofreram um retrocesso, pois muitas mulheres tiveram que deixar seus cargos no mercado de trabalho para que os homens, que retornaram do serviço militar, assumissem seus lugares e, assim, muitas delas foram forçadas a voltar para o trabalho doméstico (STEVENSON, 2016).

O mesmo aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres tiveram que deixar seus cargos para que homens que voltaram da guerra assumissem as vagas no mercado de trabalho. Ainda assim, muitas delas continuaram em seus postos de trabalho (JESUS; ALMEIDA, 2016).

O período após a Segunda Guerra Mundial também ficou reconhecido por quebrar barreiras comportamentais, o movimento “segunda onda” do feminismo floresceu, ampliando os objetivos da “primeira onda” e colocando vários aspectos em relevância: sexualidade, corpo e condições profissionais (JESUS; ALMEIDA, 2016).

Concomitantemente a outros momentos históricos na década de 1990, o fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim, o neoliberalismo, o hiperconsumismo e a evolução da internet, surgiu a “terceira onda” do feminismo, marcada por reivindicações relacionadas ao sexismo, classe, raça, assédio e sexualidade (MCCANN *et al.*, 2019; NARVAZ e KOLLER, 2006).

Em sequência, por volta do ano de 2012, autores falam do surgimento da “quarta onda” em que a luta pelos direitos da mulher ganha força com o advento da internet (MCCANN *et al.*, 2019). O movimento espalha campanhas em rede sociais com foco na busca pela justiça e a oposição ao assédio sexual (MCCANN *et al.*, 2019).

Embora o feminismo seja um movimento constante, com vastos objetivos relacionados à igualdade de gênero, para alguns autores as “ondas” do feminismo tinham alguns objetivos específicos (MCCANN *et al.*, 2019).

Diante dessas exposições é possível perceber que as mulheres enfrentaram muitos desafios provocados por acontecimentos históricos, os quais, não obstante, também foram responsáveis por impulsionar conquistas na igualdade de gênero.

3 MULHERES E A COVID-19: ANÁLISES ATUAIS E PERSPECTIVAS DE FUTURO

Após a declaração da pandemia da Covid-19, no dia 11 de março de 2020, a ONU Mulheres (2020b) sinalizou, por diversas vezes, em seus canais de comunicação, sua preocupação com as dificuldades que as mulheres enfrentarão durante e após a pandemia. Não obstante, a organização tem trabalhado com chamamentos para que as lideranças de todo o mundo

[...] apliquem a perspectiva de gênero para reduzir as desigualdades existentes em nossas sociedades, à medida que implementam medidas de curto e longo prazo para combater o impacto econômico e social da Covid-19 (MLAMBO-NGCUKA, 2020, s/p).

A ONU Brasil (2020) alertou sobre o risco do contágio do novo coronavírus ser maior em mulheres pelo fato de estarem na linha de frente de enfrentamento contra a Covid-19, atuando como enfermeiras e voluntárias em comunidades. Ainda, segundo a organização, o gênero feminino será mais afetado pelos impactos econômicos, pois muitas mulheres possuem trabalhos informais e o distanciamento social durante os picos da pandemia pode impedir que elas cumpram com as necessidades básicas da família (ONU BRASIL, 2020).

No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD-Covid 19 evidencia como o desemprego atingiu com mais força as trabalhadoras. Segundo a pesquisa, a taxa de desocupação entre mulheres foi maior que a dos homens entre os meses de maio a agosto do ano de 2020 (IBGE, 2020). O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) afirma que

[...] é possível estimar que a maioria delas tenha ficado fora da força, sem trabalhar nem procurar trabalho, o que não ocorria há pelo menos três décadas (IPEA, 2020, p.17).

Em nota técnica publicada pelo Ipea, Barbosa; Costa; Hecksher (2020) identificaram quais trabalhadores sofreram maior impacto quanto à perda de ocupação no mês de março de 2020 e, mais especificamente, na segunda quinzena do mesmo mês, quando estados e municípios passaram a restringir atividades sociais e econômicas. Os autores encontraram que os grupos com maiores chances de perder o emprego, no início da crise, foram as mulheres e os jovens. No entanto, comparada com anos anteriores, essa probabilidade foi ainda maior entre as mulheres, com aumento de 7 a 8 pontos percentuais, enquanto entre os jovens esse aumento ficou entre 2 e 3 pontos. Assim, a pandemia,

[...] aprofundou algumas das desigualdades observadas no mercado de trabalho, pois aqueles que estavam em situação desvantajosa apresentam piores indicadores. Contudo, vale ressaltar que a deterioração foi ainda maior entre as mulheres (BARBOSA; COSTA; HECKSHER, 2020, p. 58).

Além disso, a crise aponta para menos acesso à saúde sexual e reprodutiva, isso porque, com os serviços de saúde sobrecarregados, os recursos essenciais geralmente são remanejados para o enfrentamento da pandemia (ONU BRASIL, 2020).

Em consonância com o evidenciado acima, Santos (2020), analisa a situação de

grupos específicos (mulheres, trabalhadores informais, sem-abrigo, moradores das periferias, refugiados, deficientes e idosos) para os quais a quarentena torna-se particularmente difícil. O que esses grupos têm em comum é o fato de as vulnerabilidades a que estão expostos antecederem o período de isolamento social e se agravarem com ele.

Dentre esses grupos, estão o das mulheres. De acordo com o autor, elas são maioria em profissões como enfermagem e serviço social. Por isso, estão na linha de frente da oferta de cuidados a pacientes, tanto dentro quanto fora das instituições. Além desse fator, como são culturalmente consideradas “as cuidadoras do mundo”, continuarão sendo as responsáveis, incessantemente, exclusivas ou majoritariamente, pelo cuidado das suas famílias (SANTOS, 2020).

A ONU Brasil (2020) e Vieira; Garcia; Maciel (2020) alertam que, durante a crise, a violência doméstica e as explorações sexuais tendem a aumentar para o gênero feminino.

Mesmo em tempos normais, é inaceitável a alta taxa de uma em cada três mulheres no mundo sofre violência doméstica e 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por seus parceiros. Com o confinamento, vimos um aumento de mais de 30% nas chamadas para as linhas de apoio em alguns países [...] (MLAMBO-NGCUKA, 2020, s/p).

Corroborando com as afirmações citadas acima, Santos (2020), evidencia que, em tempos de guerra, a violência contra o gênero feminino tende a aumentar.

Nesse viés, Maranhão (2020, p. 3207), conclui em sua pesquisa que,

[...] a quarentena por imposição política e sanitária é o momento propício para alguns sentimentos se potencializarem: poder; desejo; dominação; ódio; estresse; discórdia; obediência; e submissão.

Outro aspecto a ser levado em consideração refere-se ao aumento nos

afazeres domésticos e maternais que as mulheres passaram a enfrentar devido às medidas de isolamento contra a Covid-19. O fechamento de escolas e creches, em períodos de picos da pandemia, adicionou novas formas de estresse às cuidadoras, além de tornar os cuidados com as crianças inconciliáveis com outros trabalhos (OLIVEIRA, 2020).

O estresse maior proporcionado às mulheres também foi destacado por Santos (2020):

Poderia imaginar-se que, havendo mais braços em casa durante a quarentena, as tarefas poderiam ser mais distribuídas. Suspeito que assim não será em face do machismo que impera e quiçá se reforça em momentos de crise e de confinamento familiar. Com as crianças e outros familiares em casa durante 24 horas, o stress será maior e certamente recairá mais nas mulheres. O aumento do número de divórcios em algumas cidades chinesas durante a quarentena pode ser um indicador do que acabo de dizer (SANTOS, 2020, p.16).

Por causa das medidas de isolamento social, muitos profissionais estão cumprindo suas atividades laborais por meio de trabalho remoto, sendo necessário conciliar as obrigações do trabalho remunerado com os cuidados com a casa e com os filhos. A vivência da quarentena nessas circunstâncias certamente é diferente para homens e mulheres e, mais ainda, para uma mulher com filhos em idade escolar, condição que muitas vezes é negligenciada pelo empregador (WENHAM; SMITH; MORGAN, 2020). Segundo Oliveira (2020, p. 159) “a pandemia apenas escancara os desafios impostos às muitas mulheres mães que precisam trabalhar em jornadas duplas ou triplas”.

A conciliação de trabalho remunerado e não remunerado já é uma realidade na vida das mulheres desde o século XIX, mas nesse contexto de pandemia a exigência torna-se ainda maior,

demandando esforço sobre-humano das trabalhadoras. Cuidar é um trabalho árduo, conciliar os cuidados com as tarefas laborais remuneradas podem exigir emocionalmente demais das mulheres, tendo consequências em sua saúde mental (BHATIA, 2020).

A diretora executiva da ONU Mulheres explica que o mundo não pode sair de uma crise sem aprender algumas lições. Segundo Mlambo-Ngcuka (2020, s/p) “[...] devemos ver isso como uma oportunidade para corrigir a situação desigual com a qual as mulheres vivem há décadas” e faz um apelo para que as lideranças, ao determinarem as medidas de combate no impacto econômico e social da Covid-19, possam utilizar a perspectiva de gênero para redução das desigualdades existentes (MLAMBO-NGCUKA, 2020).

Pesquisadores e organizações declararam a necessidade das lideranças incorporarem as vozes das mulheres nas tomadas de decisões em resposta e recuperação da crise da Covid-19 (BHATIA, 2020; MLAMBO-NGCUKA, 2020; ONU Mulheres, 2020a; WENHAM; SMITH; MORGAN, 2020; GUTERRES, 2020). Essa sem dúvida é uma ação importante que dirigentes do mundo todo podem adotar. Contudo, tão importante quanto estar incluídas nas decisões, é fazer parte das próprias lideranças, uma vez que “[...] a maioria das decisões tomadas são de homens e as vozes que ouvimos são geralmente masculinas” (ONU Mulheres, 2020c, s/p).

Diante do exposto, esse momento de crise, no qual as mulheres estão sendo diretamente afetadas, seria um bom momento para trazer as questões de gênero para o centro da discussão. O secretário-geral das Nações Unidas (UN), Guterres (2020, s/p), declara:

Peço aos governos que coloquem mulheres e meninas no centro de seus esforços de recuperação da COVID-19. Isso começa com as mulheres como líderes, com igual representação e poder de decisão.

As Nações Unidas (2020) elencaram três prioridades transversais que devem estar incluídas na política de recuperação do coronavírus: a primeira é garantir a igualdade de representação das mulheres em todo o planejamento de resposta à Covid-19 e tomada de decisões; a segunda é transformar e reconhecer as desigualdades dos trabalhos não remunerados realizados pelas mulheres, para que façam parte da economia e das políticas inclusivas; e a terceira é projetar planos sociais e econômicos com foco intencional na vida e no futuro de mulheres e meninas (UN, 2020).

A pandemia do coronavírus poderia ser a primeira crise em que as diferenças de gênero e sexo seriam registradas e levadas em consideração por pesquisadores e formuladores de políticas (LEWIS, 2020).

Nesse mesmo viés, os autores Wenham, Smith e Morgan (2020), apelam para que os governos e instituições de saúde considerem os impactos, diretos e indiretos da Covid-19, na perspectiva de gênero e incorporem as vozes das mulheres às decisões em resposta à pandemia.

Bhatia (2020), diretora Executiva Adjunta das Mulheres da ONU, também declarou que os líderes mundiais, em nível local, municipal e nacional devem encontrar maneiras de incluir as mulheres na tomada de decisões, que essa postura poderá ter melhores resultados, pois “[...] sabemos de muitas configurações que a diversidade de pontos de vista enriquecerá uma decisão final” (BHATIA, 2020, s/p).

E ainda afirma que,

[...] pessoas responsáveis por formular políticas devem alavancar as capacidades das organizações de mulheres. Entrar em contato com grupos de mulheres ajudará a garantir uma resposta comunitária mais robusta, pois suas redes consideráveis podem ser aproveitadas para disseminar e ampliar as mensagens de distanciamento social (BHATIA, 2020, s/p).

A história mostra que em tempos de crise as mulheres assumem funções fundamentais para a sociedade, mas são minorias nas representatividades de lideranças e nas participações ativas das tomadas de decisões.

As informações acima são suficientes para que fiquemos otimistas com relação ao fortalecimento da luta pelos direitos da mulher durante e após a pandemia da Covid-19? Esperamos, sim, que as análises dos impactos de gênero não sejam apenas questões paralelas, mas façam parte das preocupações primordiais a serem pensadas neste momento, sob pena dessa pandemia afetar de maneira muito negativa a vida de milhões de mulheres e meninas em diferentes países. Além disso, é imperante que as mulheres sejam ouvidas, consideradas e façam parte das tomadas de decisão.

4 CONCLUSÕES

O percurso da luta pelos direitos da mulher mostra que momentos históricos específicos provocaram grandes desafios à igualdade de gênero, mas também geraram ondas de conquistas de direitos. A atual pandemia da Covid-19 coloca mais uma vez grandes desafios para as mulheres. Elas estão entre os grupos considerados mais vulneráveis em relação aos impactos da conjuntura, seja por estarem nas linhas de frente de combate à doença, seja pelas dificuldades financeiras, ou, ainda, devido à sobrecarga de trabalho doméstico e cuidados que recaíram sobre elas. A quarentena tem resultado, ainda, em um aumento no número de casos de violência doméstica.

As diferenças entre homens e mulheres não são, obviamente, naturais, mas foram naturalizadas por meio de processos discursivos e culturais (LOURO, 2008). A representação socialmente compartilhada da mulher como principal cuidadora e responsável por esse trabalho árduo e, na grande maioria das vezes,

desvalorizado, foi produzido ao longo do tempo. Neste momento de crise, essa concepção pode ser reproduzida, mas pode ser também, um momento de vir à tona essa sobrecarga, seus efeitos e a possibilidade de se criar discursos e práticas mais igualitárias.

As relações de poder que colocam o trabalho, gerador de lucro, em posição de vantagem e desvalorizam ou invisibilizam o trabalho não remunerado do cuidado serão repensadas a partir dessa pandemia? Por causa do isolamento social, muitas atividades produtivas precisaram ser paralisadas. Mas o trabalho de cuidado pode ser paralisado? Ou o que aconteceria se as mulheres deixassem de desenvolver seu trabalho invisível de manter crianças e idosos sob seus cuidados? Trata-se de um trabalho que não dá para ser paralisado, sob o risco de atingir crianças e idosos mais vulneráveis. Esse trabalho invisível e não valorizado é essencial para a continuidade da vida.

Apesar da ONU reconhecer a necessidade de incluir as mulheres nas tomadas de decisão, elas estarão realmente sendo ouvidas e suas necessidades atendidas, a fim de que a pandemia não reproduza as desigualdades de gênero? A experiência de crises anteriores mostra a importância de se considerar a análise de gênero como primordial à tomada de decisões (WENHAM; SMITH; MORGAN, 2020). Esperamos que isso seja levado em consideração e não sejam cometidos os mesmos erros de outras crises similares.

A pandemia e a quarentena dela decorrente estão mostrando que se trata de um momento propício para se pensar em alternativas ao modo de viver, de conviver, de produzir e de consumir nestes primeiros anos do século XXI (SANTOS, 2020). Poderíamos incluir nesta análise ainda as indagações: alternativas frente à atual divisão sexual do trabalho, às relações estabelecidas entre os gêneros e à invisibilidade a que estão sujeitas muitas

questões que envolvem as mulheres também serão produzidas? Será possível pensar em uma viragem epistemológica, cultural e ideológica nesse sentido?

Pesquisas já estão sendo realizadas para avaliar os impactos e consequências da pandemia nas relações de gênero e na luta pelos direitos da mulher. Dados sobre contágio, divórcios, mortalidade materno-infantil, violência doméstica, participação das mulheres nos processos decisórios, entre outros, nos darão a dimensão se as alternativas ao modo de se viver e conviver, citadas anteriormente, seguirão no sentido de se concretizar ou não. Esperamos que sim, que se efetivem e se materializem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões; HECKSHER, Marcos. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes? **IPEA**, 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10186/1/bmt_69_mercdetrabalho.pdf. Acesso em: 13 ago. 2020.

BHATIA, Anita. **Mulheres e COVID-19: cinco coisas que os governos podem fazer agora**. ONU Mulheres Brasil. 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-e-covid-19-cinco-coisas-que-os-governos-podem-fazer- agora/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CUETO, Marcos. O que um historiador da saúde tem a dizer sobre a pandemia do novo coronavírus (Covid-19)? Entrevista de Marcos Cueto a Bruno Leal. In: **Café História – História feita com cliques**, mar. 2020. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/um-historiador-da-saude-fala-sobre-novo-coronavirus>. Acesso em: 23 abr. 2020.

GUTERRES, António. **Mulheres e meninas devem estar no centro da**

recuperação da Covid-19, diz chefe da ONU. Nações Unidas Brasil. 2020.

Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/mulheres-e-meninas-devem-estar-no-centro-da-recuperacao-da-covid-19-diz-chefe-da-onu/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD - Covid19**, 2020. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27946-divulgacao-semanal-pnadcovid1.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 15 jun. 2020.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**. Repositório do Conhecimento do Ipea. n. 69, jul. 2020.

Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10182>. Acessado 14 ago. 2020.

JESUS, Cassiano Celestino de; ALMEIDA, Isis Furtado. Movimento Feminista e as Redefinições da Mulher na Sociedade após a Segunda Guerra. In.:

Boletim Historiar, n. 14, mar./abr. 2016, p. 09-27.

LEWIS, Helen. The Coronavirus Is a Disaster for Feminism. **The Atlantic**. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2020/03/feminism-womens-rights-coronavirus-covid19/608302/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, online, v. 19, n. 2, 2008, p.17-23.

MARANHÃO, Romero de Albuquerque. A violência doméstica durante a quarentena da Covid-19: entre romances, feminicídios e prevenção. **Brazilian**

Journal of health Review, Curitiba, v. 3, n. 2, mar./apr. 2020, p. 3197-3211.

MCCANN, Hannah *et al.* **O livro do feminismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MLAMBO-NGCUKA, Phumzile.

Podemos mudar a maré em favor da igualdade de gênero, afirma diretora executiva da ONU Mulheres. 2020.

Disponível em:

<http://www.onumulheres.org.br/Acesso> em: 21 abr. 2020.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, Set./Dez. 2006, p. 647-654.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro; NASCIMENTO, Sonia Mascaro. **Curso de Direito do Trabalho: história e teoria geral do direito: relações individuais e coletivas do trabalho**. 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

OLIVIER, Nay. Can a virus undermine human rights?. **The Lancet Public Health - Elsevier Ltd**. Online, V.5, Issue 5, May 01, 2020, E238-E239. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(20\)30092-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(20)30092-X/fulltext). Acesso em: 20 abr. 2020.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19. **Revista Tamoios**. São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 154-166, maio 2020.

OMS, World Health Organization. **Who Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s->

opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020. Acesso em: 22 abr. 2020.

ONU Brasil. Nações Unidas Brasil. **ONU Mulheres faz chamado ao setor privado por igualdade de gênero na resposta à COVID-19.** 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-faz-chamado-ao-setor-privado-por-igualdade-de-genero-na-resposta-a-covid-19/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ONU Mulheres. **ONU Mulheres faz chamado ao setor privado para garantia da igualdade de gênero na resposta à Covid-19.** 2020a. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-faz-chamado-ao-setor-privado-para-garantia-da-igualdade-de-genero-na-resposta-a-covid-19/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ONU Mulheres. **Covid-19.** 2020b. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/covid-19/> Acesso em: 24 abr. 2020.

ONU Mulheres. **Vozes das mulheres nas linhas de frente da Covid-19.** 2020c. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/vozes-das-mulheres-na-linhas-de-frente-da-covid-19/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** 1. ed. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

STEVENSON, David. **1914-1918: A história da Primeira Guerra Mundial.** São Paulo: Novo Século Editora, 2016.

UN, United Nations. **Policy Brief: The Impact of Covid-19 on Women.** 2020. Disponível em: <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/policy->

[brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en.pdf?la=en&vs=1406](#). Acesso em: 23 abr. 2020.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epistemologia.** 2020; 23: E200033

WENHAM, Clare; SMITH, Julia; MORGAN, Rosemary. Covid-19: the gendered impacts of the outbreak. **The Lancet Public Health - Elsevier Ltd.**, v. 395, n. 10227, mar. 2020, p. 846-848,. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30526-2/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30526-2/fulltext#articleInformation) . Acesso em: 28 abr. 2020.